

Uma experiência especial de aprendizagem das dinâmicas de transferência e contratransferência acontecida nos primeiros anos da minha formação psicanalítica¹

Franco Borgogno

para Giuseppe Di Chiara

Resumo: A partir da descrição das fases iniciais da análise do segundo caso de supervisão oficial, o autor ilustra no seu trabalho por que esta experiência se tornou um momento fundador de seu percurso formativo. São essencialmente três os aspetos postos em evidência: 1) o papel importante do supervisor na ajuda a lidar e a enfrentar as difíceis dinâmicas de transferência e contratransferência que caracterizaram os primeiros anos desta análise; 2) os fatores transformadores que abriram um novo caminho na repetição e na patologia de origem traumática durante muito tempo propostas pelo paciente; 3) o ter contactado pela primeira vez com aquela área de fenómenos inter e intrapsíquicos que o autor, mais tarde, haveria de amplamente explorar e teorizar com o termo de *dinâmicas relacionais governadas pelo role-reversal*.

¹ Comunicação apresentada no IPA Boston Congress 2015 no Painel *Working with transference and countertransference: special learning moments in our psychoanalytic journey*, publicada numa versão mais extensa na *Revista de Psicoanálisis* da Asociación Psicoanalítica de Madrid e na *Rivista di Psicoanalisi* italiana. Agradecemos à APM e à *Rivista di Psicoanalisi* por terem autorizado a publicação em inglês e português; e a António Fournier pela tradução do presente ensaio em língua portuguesa.

Palavras-chave: Dinâmicas de transferência e contratransferência. Fatores transformadores. Inversão de papéis. Repetição. Supervisão analítica.

Neste breve escrito – alusivo a uma experiência analítica acontecida durante os primeiros passos de minha formação – passarei a expor, ainda que sinteticamente, meu segundo caso de supervisão oficial. Na descrição, farei esforço para tornar imediatamente claros dois pontos que me interessam de modo especial: em primeiro lugar, o motivo por que considero esta experiência um momento fundamental de aprendizagem da transferência e da contratransferência; em segundo, como ela foi também para mim um primeiro momento de descoberta e contacto com aquela particular área de fenômenos intra e intersíquicos, sobre os quais muito tenho escrito e debatido nos últimos vinte anos, tanto no âmbito clínico quanto teórico (BORGOGNO, 1994-1995, 1999, 2011ab; BORGOGNO; VIGNA-TAGLIANTI, 2013). Nestas páginas, só abordarei, porém, as *dinâmicas intersíquicas governadas pela inversão de papéis*, mostrando unicamente como se apresentaram em minha interação com meu paciente e até que ponto fui ajudado por meu supervisor a lidar com elas e a enfrentá-las.

Nas páginas conclusivas deste trabalho, além de voltar a salientar os motivos que me levaram a relatar esta experiência, explicarei mais a fundo por que ela se converteu numa base sólida de meu trabalho, inspirando meu conseqüente empenho e credo de analista; e em particular, farei algumas reflexões sobre quais foram os fatores transformadores que abriram um novo caminho – no caso aqui apresentado (embora se tratem, em minha opinião, de fatores gerais e não só específicos deste caso) – no *enactment* repetitivo que caracterizou, durante vários anos, a análise deste paciente.

O caso de Guidalberto

Guidalberto, físico de vinte e oito anos, veio ter comigo pedindo a análise depois que sua jovem mulher o deixara de repente e, em sua opinião, inexplicavelmente. Uma noite, quando ele chegara em casa do trabalho, ela lhe dissera que ia embora e que queria o divórcio. De acordo com o que Guidalberto me contou de sua vida, aquela não era a primeira vez que ele tivera de enfrentar uma grave perda. Quando tinha nove-dez anos, sua mãe falecera sem que ele tivesse tido tempo para se despedir dela; quando tinha dezessete anos, tinha morrido seu pai, professor universitário. O pai, depois de tomar o café da manhã com ele e seus três irmãos e de destinar as tarefas para o dia, saindo de casa antes deles, fora atropelado. Em seu relato, Guidalberto associou, de modo claro, ambas as coisas, mas o fez ao nível de contigüidade verbal (no sentido que me falou da morte dos pais depois

de me ter dito que fora abandonado pela mulher) e não afetivamente. De fato, sua dor e raiva por ter sido vítima da decisão da mulher, para ele, pareciam fazer parte de outra categoria de eventos, ao ponto que – depois de eu ter observado quanto devia ter sido difícil e doloroso para ele sofrer essa recorrência de perdas de pessoas que amava, sem poder fazer nada para evitá-las ou poder mudar esses eventos inelutáveis – ele comentou de forma bastante resoluta que minha observação estava errada e não acertara o alvo. Em relação a isso, Guidalberto preferiu, ao invés, falar do enigma das mulheres, para ele um verdadeiro mistério, mas referindo-se exclusivamente à decisão da mulher de deixá-lo, sem fazer qualquer alusão à perda repentina da mãe quando era muito novo e ao fato (que vim a saber mais tarde) que o imperativo do pai passou a ser desde essa altura *ir pra frente*. Um absoluto ir para frente que implicava para seu pai – foi assim que o disse – não mencionar a morte da mulher, as esperanças e os sonhos que a caracterizaram como pessoa, e aquelas que eram as principais qualidades de sua figura em relação aos filhos, ao modo de viver e a ele mesmo como marido. Sobre seu pai, recordou em seguida que, sendo um bom professor de matemática, era uma pessoa muito ativa e pragmática: depois da morte da mãe, tinha sabido organizar muito bem a vida em casa, empenhando-se ele próprio e empenhando os filhos em papéis e tarefas específicas a serem realizadas quotidianamente.

No final da consulta, Guidalberto me disse sem hesitar que queria mesmo uma verdadeira análise de *médico da cabeça*: quatro sessões por semana se adequavam à sua necessidade de ajuda e eram garantia de continuidade. Porém, visto que sua atividade profissional dividia-se entre Milão e Turim, poderia acontecer falhar a uma ou outra sessão ou não conseguir chegar a tempo se os comboios se atrasassem. Sabia em minha própria pele que naquela altura os comboios entre Milão e Turim costumavam atrasar-se, mas pensei que, distribuindo duas sessões às oito da tarde e duas às sete da manhã, a análise seria possível.

Obviamente, imaginando o que poderia acontecer entre nós, considerei desde o começo que o *desaparecimento-perda repentina* seria inevitavelmente um dos temas centrais da análise. Todavia, não imaginara que a dor e o desconcerto psíquico que este protótipo relacional, baseado na interrupção não prevista da relação, viria a criar; nem tampouco pensei, num primeiro momento, nas consequências que poderiam advir para mim – já que Guidalberto era o meu caso de *training* –, nem nos problemas que a eventual descontinuidade da análise poderiam causar (teria que, na pior das hipóteses, recomeçar do zero com outro paciente). Afinal, justamente em relação a esta área problemática, esta análise, embora dolorosa, acabaria por se tornar inesquecível e profícua para minha formação de analista. Com efeito, durante o processo aprendi a compreender na carne (*in the flesh*: FREUD, 1926)

os sentimentos intensos e complexos que tais situações de luto provocam; o que significa experimentar a inelutabilidade desses eventos, a impossibilidade de encontrar as razões plausíveis, a impotência de não poder fazer nada para impedir que aconteçam e para alterar o curso das coisas. Tudo isso era ainda mais agravado pela reiterada impossibilidade, devido à proibição paterna de mencionar a mãe e o mundo das emoções, de poder falar e ter em conta os afetos envolvidos.

Tive de aprender, por conseguinte, a colocar-me na condição de distinguir muito bem as minhas angústias e os sentimentos ligados às regras do *training*, e os sentimentos e angústias de Guidalberto com a relativa defesa encarniçada que ele punha em jogo contra os mesmos. Além disso, Guidalberto suspeitava que, no fundo, eu só queria tirar um benefício pessoal (isto é, narcisista) com as minhas intervenções, considerando que aquilo que eu lhe dizia não correspondia minimamente a uma sincera disponibilidade de minha parte em relação a ele. Acrescenta-se a tudo isso o fato que, se um analista poderia defender-se da dor da perda de um paciente substituindo-o sem dificuldade por outro (isso era verdade, sobretudo nesses anos de abundância de pacientes), nesta situação, esse *escamotage* não era praticável. Por um lado, a substituição dele por outro paciente não teria atenuado as consequências que sua perda teria causado para minha autoestima e minha carreira profissional. E, por outro lado, resolver desse modo, na fantasia, a situação não traria nenhuma vantagem para a análise e para transformar as vicissitudes dolorosas e as reações do paciente perante elas, ainda mais com um paciente afligido por aquele nível de sofrimento e com as defesas que ele apresentava.

Neste caso, era, ao invés, fundamental viver *visceralmente* essa situação e conquistar dentro dela uma via pessoal para lidar com ela, confiando numa futura solução transformadora. E foi na tentativa de fazer isso que senti a proximidade de meu supervisor, mostrando-se ele *simply there* (LEVENSON, 1982) para mim e para nosso trabalho, sem nunca se cansar ou irritar com minhas necessidades, meus sentimentos negativos e minha ansiedade, mas fazendo-me compreender, antes de tudo, que a humanidade e o amor mutilado e rejeitado podem sobreviver no desespero e reemergir só com a condição de haver alguém que, não os negando, consiga pacientemente manter intata a ideia de um futuro melhor e diferente.

Acabo de dizer *viver visceralmente*, em contraposição – na linha de Ferenczi, mas também de Grotstein (2004) quando fala de Bion – com quem diz que o analista, no interior das sessões, não deve *se tornar concretamente o paciente*, mas *se limitar a sê-lo com o pensamento, identificando-se imaginativamente com ele*, sem ser de modo algum alterado em sua pessoa. Esta é uma visão da análise a que de fato eu me oponho, juntamente com outros (por exemplo, SAPISOCHIN, 2013), não porque pense que devemos a todo custo tentar tornar-nos o paciente, mas porque às vezes é

preciso que isso aconteça, sem que por isso haja uma recusa de nossa parte em relação a ser atingido por esse impacto. De fato, só assim se consegue realmente um conhecimento efetivo do paciente, de sua vida psíquica interna e também de sua vida em relação aos eventos reais. Na análise de que estou falando, sofrer o impacto das dinâmicas emocionais em ação sem opor uma rejeição consistiu justamente em me tornar eu mesmo, durante muitos anos, Guidalberto, a braços, nos vários momentos de sua vida, com o desaparecimento-perda de pessoas por ele amadas, enquanto muitas vezes Guidalberto ocupava a posição da mãe, do pai, da mulher que desaparecem de repente do horizonte, sem pré-aviso.

Os primeiros anos da análise

Deter-me-ei agora, sem entrar em pormenores (como talvez fosse útil em relação a este tipo de *role-reversal*, visto que voltarei a falar do *role-reversal* mais à frente), a mostrar unicamente como esta dinâmica relacional se manifestou logo nesta específica análise. Depois de uma lua-de-mel inicial em que pareciam possíveis alguns pequenos passos recíprocos de conhecimento e de intimidade, entrou-se, durante a análise, numa contínua contingência emocional em que eu não sabia se Guidalberto se apresentaria no dia seguinte, em que momento da sessão apareceria ou quando voltaria, chegando mesmo a questionar-me frequentemente se ele regressaria, já que às vezes suas ausências eram tão prolongadas que eu chegava a perder a esperança de que voltasse. Tive, pois, de aprender a aguentar o que estava acontecendo, a não ceder ao impulso de procurá-lo ou de pressioná-lo para que voltasse, embora em pelo menos duas ocasiões não me tenha coibido de ligar para ele. Tive de aprender, por outras palavras, a aguardar seu regresso, gerindo a intensidade de minha resposta emocional para refrear eventuais represálias perante sua persistência em tratar com indiferença e distância qualquer conexão ou emoção relativa à nossa relação. Procurei, na prática, como acabei de dizer, não responder com qualquer represália nem com excesso de sentimentos, já que estes poderiam, em vez de sanar sua dor, seu ódio e sua raiva, provocar o efeito contrário: atiçá-lo ainda mais e assustá-lo. Mas também aprendi a considerar que nem sempre a reação do analista deve ser atenuada e redimensionada, ou seja, que não era preciso privar o encontro com o paciente daqueles *fortissimo* e *pianissimo*, ambos igualmente importantes numa relação realmente viva e participativa, visto que são passos indispensáveis para a ressonância autêntica e para um autêntico *balanced look* no diálogo entre analista e paciente (LIA, 2011).

Além disso, outra forma que Guidalberto tinha de desaparecer era através daquilo a que ele chamava *variantes da sessão*; variantes da sessão que consistiam em mudar de repente de lugar no consultório, passando do divã à cadeira, ou sentando-se no chão, ou começando a andar de um lado para o outro sem falar.

Essa era outra forma de se manifestar a mudança entre nós, inicialmente imprevisível e repentina, inexplicável e não explicitamente ligada à atmosfera emocional desse particular momento, pelo que, desse modo, a variante em ato se tornava dificilmente explorável e compreensível, exceto no fato de eu sentir que estava perante um *rebus misterioso* ou *um problema com diversas incógnitas* às quais tentava encontrar diferentes soluções, sentindo-me, na maior parte das vezes, um imbecil em minha tentativa de compreender o que havia criado a reviravolta emocional entre nós e de procurar as motivações para aqueles seus comportamentos. Comportamentos que, em minha opinião, não podiam ser causados somente por uma forma de *inversão do passivo em ativo*, nem por uma mera manifestação de atitudes cruéis e impertinentes, ou por uma reação de ódio, um pouco de moleque, patenteado através da ausência de afetividade, embora ele muitas vezes fizesse troça de mim (até de forma grosseira), ridicularizando qualquer tentativa minha de procurá-lo e de dar sentido à nossa relação que, como dizia-lhe, eu considerava importante também para ele e não unicamente para mim.

Também em relação a essas mudanças repentinas, com o tempo acabaram por chegar remendos de apoio que as tornaram mais compreensíveis, embora sempre dolorosas: o pai costumava – para citar um desses remendos de apoio – submeter seus filhos a difíceis problemas de matemática e física todas as noites antes do jantar, sendo ele, que era o mais novo, colocado na posição de não entender nada, ao contrário de seus irmãos mais velhos, e de ser por isso ridicularizado como sendo um *merdinhas* (apelativo que durante a análise vim a saber que sua mãe usava de modo afetuoso mas bastante *superficial*, mas que ele tinha sentido como uma manifestação de desprezo por causa do confronto com os irmãos muito mais velhos e suas reações de troça, levando mesmo a interpretar isso como prova de que seu nascimento não fora desejado mas tinha acontecido por erro).

A ajuda de meu supervisor

Como conclusão do relato desta experiência analítica que, como já disse, não posso aprofundar aqui, gostaria de salientar, em primeiro lugar, quanto me senti ajudado por meu supervisor: ajudado a controlar minhas reações de ódio, de crueldade e sadismo; ajudado a não evitar e não afastar de mim sentimentos de frustração e desconcerto, enfrentando-os, pelo contrário, de peito aberto; ajudado a pensar a fundo no que poderia ter acontecido a uma criança e a um moço que experimentara aquelas vicissitudes de vida tão dolorosas, com um pai que procurara resolver os problemas relacionados com o desespero, com a saudade e com o amor organizando uma autêntica *vida de quartel* em que deviam ser evitados todos os sentimentos relacionados com a relação e a dependência, como se

fossem banais *coisas de meninas*. Quanto me senti, na prática, ajudado em não mutilar, de minha parte, o amor e a humanidade, como fazia meu paciente, devido a uma dor intolerável não só para ele, mas também para seu pai e seus irmãos. E foi justamente este *o caminho* através do qual o mistério que envolvia não só sua mãe (o enigma e a misteriosidade a que recorreu Guidalberto opondo-se a mim na primeira sessão), mas também seu pai e o próprio funcionamento psíquico dele, lentamente se dissipou, gerando em primeiro lugar a raiva e a dor mais explícitas e pensáveis, em vez do anterior *gelo* surdo e rancoroso e, portanto, a tristeza e a saudade, não só em relação ao que lhe tinha acontecido, mas também ao sofrimento do pai e de seus irmãos.

Abriu-se, por fim, exatamente nesse ponto, a oportunidade de pensar – em conjunto – na dor terrível que também devia ter experimentado seu pai e no ódio e na raiva por se terem sentido, ele e todos os irmãos machos, incapazes de descongelar o coração gelado dele, como quando o pai à noite se fechava em seu quarto e eles, separados dele, ouviam ao longe a música clássica que amava, sentindo-se por isso espoliados de sua presença e desprovidos de recursos para fazê-lo abrir a porta e convencê-lo a voltar para junto deles (nessas ocasiões, se na maior parte das vezes era eu a encarnar os sentimentos de Guidalberto-criança-mocinho, enquanto ele era o pai fechado em seu quarto, às vezes podia ser eu mesmo a me fechar e a afastá-lo, ele e sua dor). Foi dali em diante que o ódio, a raiva e rancor surdo começaram a derreter, abrindo a porta à dor da perda e à saudade. Por outras palavras, Guidalberto estava pouco a pouco voltando a ser *empático* e até *simpatético* em relação aos outros e a mim mesmo, mas naturalmente também em relação a ele mesmo como, por exemplo, quando, embora com menos desprezo e troça, disse de forma projetiva que entendia meu condoer-se por ele, mas que o fato de eu estar condoído era um problema *meu* e não *seu*, ou quando começava a falar de sua solidão e de como sua solidão e o vazio que daí resultara devido a não ter podido falar com ninguém de toda essa dor durante tanto tempo, nem com o pai nem com os irmãos, o tivessem levado a perder a memória e a sensibilidade e a criar em relação a si uma autotomia de todos seus afetos, identificando-se nas regras ditadas pelo pai, contribuindo assim, ele mesmo, para produzir mistério, isolamento, solidão e vazio com sua atitude muito retraída e desprovida de emoções. Uma atitude motivada por um raciocínio deste tipo: *Não me lembro de nada da mãe, sei muito pouco sobre o que ela sentia e pensava e nem sei realmente quem era meu pai a um nível mais íntimo. Portanto, visto que eles não estiveram presentes, e que eu não os conheci realmente bem a esse nível, de que posso ter saudade? De nada. De nada porque na realidade não perdi nada que antes tinha e que a partir de certa altura deixou de existir.*

Nessas ocasiões, Guidalberto, embora não o dissesse abertamente, tinha começado a apreciar a possibilidade de falar e de compartilhar comigo suas vicis-

situações emocionais e, apesar de continuar sendo eu aquele que principalmente devia sentir desgosto, também ele estava começando a sentir desgosto, se bem que o mantivesse em boa parte escondido a ele mesmo, já que ainda não me tinha perdoado completamente por ter aberto a porta dos sentimentos. Ter-lhe aberto a porta dos sentimentos comportava de fato, para ele, reconhecer que ele mesmo tinha contribuído ativamente para ter sido roubado de sua vida emocional e para ampliar as faltas e perdas que sofrera.

Considerações conclusivas

Embora não me possa alongar mais sobre esta *challenging* análise, gostaria, em todo caso, de catalogar quais foram, em minha opinião, os elementos de base daquilo que pode ser considerada uma análise *suficientemente boa*, elementos de base que experimentei graças ao fato de ter sido acompanhado por meu supervisor: 1) ter podido transformar meu medo de perder o paciente, um medo exacerbado por aquilo que teria comportado para minha autoestima e para a continuidade de meu *training* a interrupção da análise, numa experiência especial que permitiu tornar-me mais próximo a Guidalberto e compreender seu desespero e seu desconforto perante os contínuos e repentinos lutos e os efeitos que estes tinham tido sobre sua vida (refiro-me aos sentimentos de ódio, vingança, rancor, crueldade e sadismo que emergem nessas circunstâncias e as defesas que daí derivam com o fim de diminuir o sofrimento); 2) ter podido viver *visceralmente* essas situações tornando-me um *analista vulnerável* ou, como costume dizer, *introjetivo* (BORGOGNO, 2007), e usar minha resposta afetiva para pensar no que Guidalberto-criança-e-adolescente podia ter experimentado no momento em que essas situações penosas de vida aconteceram, sem me tornar eu mesmo rejeitante e desprovido de amor e humanidade, como tinha acontecido com ele por causa de uma dor grande demais para ele, mas também para seu pai e para seus irmãos mais velhos; 3) ter podido começar a trabalhar no domínio daquilo a que vim a chamar *as dinâmicas transferenciais e contratransferenciais dominadas pela inversão de papéis*, aceitando tornar-me temporariamente Guidalberto, a braços com a perda das pessoas amadas em vários períodos de sua vida, ao passo que Guidalberto, por seu lado, fazia o papel de sua mãe, seu pai ou sua mulher, desaparecendo de repente do horizonte sem avisar; 4) ter podido conquistar, enfrentando semelhantes dinâmicas, a capacidade de ter muito cuidado em não me tornar aquele que *na relação é o bom* enquanto o paciente, com seu modo de se comportar, *é o vilão*, ou vice-versa, compreendendo, ao prestar atenção a isso, como é necessário aceitar o fato que alguém possa errar e que também o analista possa transmitir,

por vezes, algo de narcisista e odioso, levando muito tempo a ultrapassar comportamentos que não são dos melhores; 5) ter podido considerar, por fim, – e este é um elemento comum que está subentendido em todos elementos anteriores – que o paciente depende do analista, mas também que o analista depende do paciente, das emoções que experimenta no encontro com ele e das teorias a que recorre para compreender os acontecimentos da sessão e da análise.

Ter compreendido, em síntese, que o analista depende de sua própria disponibilidade em sentir, em pensar e em tirar as ilações, mesmo com espírito crítico em relação a si (se isso for necessário) nunca deixando de manter a simpatia em relação a si mesmo em dificuldade e, numa contingência situacional e emocional como aquela que acabei de descrever, em relação ao sentir-se ainda preparado e atrapalhado. É, de resto, esse o motivo por que ele deve reduzir, no que lhe for possível, os aspetos *no-entry* (BORGOGNO, 1999, 2007) na recepção das comunicações do paciente (aspectos que complicam e distorcem a troca analítica) continuando a ser permeável em relação ao que lhe suscita o paciente, embora procurando manter sempre a função que lhe é própria, seja fazendo perguntas sobre a qualidade afetiva da relação em curso, seja – sem se deixar dominar pelas próprias reações e pelas projeções do paciente – discriminando o que pertence a si e aos próprios sistemas defensivos e o que pertence ao paciente e à sua patologia, seja estabelecendo e abrindo novas pequenas conexões que sejam respeitadoras dos tempos que são exigidos de cada vez para aceder ao mistério do outro e para efetuar autênticos passos de contato e aproximação.

Finalmente, no que diz respeito às *dinâmicas da inversão de papéis*, como disse em todos meus trabalhos sobre esse assunto, desejo ainda precisar que o analista não se deve tornar durante a análise só o paciente-criança-e-adolescente e seus objetos internos, mas também a criança-adolescente que o paciente não conseguiu ser em seu passado e – juntamente com isso – outro tipo de pai em relação àqueles que o destino lhe concedeu. É só assim que de fato o analista, quando as coisas correm bem, põe em jogo sua pessoal *pulsionalidade de vida* (MARUCCO, 2006) animando com sua própria esperança o tempo bloqueado pela repetição e pela patologia resultantes do trauma.

Para concluir, se poderia ulteriormente dizer que o que contribuiu para desfazer as modalidades repetitivas maciçamente presentes nesta análise foi a experiência de resiliência que, passo a passo, fui demonstrando a Guidalberto como seu analista. Isto é, o fato de ter-lhe indicado como se pode aprender a sobreviver a uma série de perdas inaceitáveis (como as que ele experimentou) e a lidar com elas, pondo em jogo uma gama afetiva de respostas a que ele não tinha acesso devido às defesas essencialmente mortíferas a que recorria para se proteger da notável traumaticidade dos acontecimentos de vida que vivera e de que padecera

(ROUSSILLON, 1991). Foi essa diferente gestão do sofrimento, ligada à perda e ao abandono, o que progressivamente promoveu nesta análise a passagem do *patético* ao *humanamente trágico* (ROUSSILLON, 1995). Ou seja, aquela passagem do *mundo da culpa persecutória* ao *mundo da culpa depressiva* (GRINBERG, 1963-1971) que despertou em Guidalberto a esperança e, junto com ela, o horizonte do desejo, gerando aquele *salto de oitava* que o levou a uma tomada de responsabilidade da própria vida (SPEZIALE-BAGLIACCA, 2010).

A fundamental experience of learning in my analytic training

Abstract: Drawing upon his description of the early phases of the analysis of the second case of official supervision, the author illustrates in his work why this experience became a foundational moment in his formative trajectory. There are primarily three aspects that are given prominence: 1) the significant role his supervisor played in helping to manage and to confront the difficult dynamics of transference and countertransference that characterized his early years of analysis; 2) the transformative factors that have opened up a new avenue in the repetition and the original traumatic pathology put forward at great length by the patient, and 3) the making contact for the first time with that area of inter/intrapsychic phenomena that the author, over the years, has explored widely and theorized under the name of relational dynamics governed by the role-reversal.

Keywords: Analytic supervision. Dynamics of transference and countertransference. Repetition. Role-reversal. Transformative factors.

Referências

BORGOGNO, F. **Dall'ambiente co-creato alla parola e alla storia: transfert, controtransfert e working-through nell'analisi di una paziente schizoide deprivata** (manuscrito inédito). 1994-1995.

_____. **Psicoanalisi come percorso**. Psychoanalysis as a Journey. London: Open Gate Press, 1999.

_____. **The Vancouver Interview**. The Vancouver Interview. Frammenti di vita e opere d'una vocazione psicoanalitica. Roma: Borla, 2007.

_____. **La signorina che faceva hara-kiri e altri saggi**. Torino: Bollati Boringhieri, 2011a.

_____. Sándor Ferenczi, the introjective psychoanalyst. **American Imago**, v. 68, n. 2, p. 155-72, 2011b.

BORGOGNO, F.; VIGNA-TAGLIANTI M. Role-reversal and the dissociation of the self. Actions signaling memories to be recovered: an exploration of a somewhat neglected transference-countertransference process. In: OELSNER, R. (Ed.). **Transference and countertransference today**. London: Routledge/ IPA- Psychoanalytic Ideas and Applications Series, 2013.

FREUD, S. (1926). Inibizione, sintomo e angoscia. v. 10. **OSF**. Torino: Bollati Boringhieri, (1974)

GRINBERG L. (1963-1971). **Colpa e depressione**. Roma: Astrolabio, 1990. (Originalmente publicado em 1963-1971).

GROTSTEIN, J. The seventh servant: the implications of a truth drive in Bion's theory of. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 85, p. 1081-101, 2004.

LEVENSON, E. A. Follow the fox– An enquiry into the vicissitudes of psychoanalytic supervision. **Contemp. Psychoanal**, v. 18, p. 1-15, 1982.

LIA, M. Alcune osservazioni su controtransfert, empatia e osservazione. In: BORGOGNO, F.; CASSULLO, G. (Eds.). **Le molte facce del trauma**. Roma: Borla, 2011.

MARUCCO, N. C. Actualización del concepto de trauma en la clínica analítica. **Revista Psicoanálisis APA**, v. 63, p. 9-19, 2006.

ROUSSILLON, R. **Paradoxes et situations limites de la psychanalyse**. Paris: PUF, 1991.

_____. **Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique**. Paris: PUF, 1995.

SAPISOCHIN, G. Second thoughts on Agieren: listening to the enacted. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 94, p. 967-91, 2013.

SPEZIALE-BAGLIACCA, R. **Come vi stavo dicendo**. Nuove tecniche in psicoanalisi. Roma: Astrolabio, 2010.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Tradução de António Fournier

FRANCO BORGOGNO
Via Camillo Benso Cavour 46
10123, Torino – Itália
e-mail: franco.borgogno@unito.it